

POMERANO: DIALETO OU LÍNGUA?

POMERANIAN: DIALECT OR LANGUAGE?

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder | [Lattes](#) | mader@inventati.org

Universidade Federal de Santa Catarina

Nicoli Knuth da Rosa | [Lattes](#) | nicoliknuth1@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo faz um panorama histórico da língua pomerana, demonstrando como essa língua, já praticamente extinta em seu local de origem, mantém-se viva no Brasil, mesmo após anos de apagamento e silenciamento do povo pomerano. O trabalho foca no pomerano falado na cidade de Canguçu/RS e, através de entrevistas e pesquisas, traça paralelos com o pomerano falado em Santa Maria de Jetibá-ES, local onde essa língua é mais estudada e documentada, além de chamar a atenção para o fato de o pomerano ser uma língua, não um mero dialeto do alemão, e como essa classificação equivocada prejudicou e prejudica ainda hoje a comunidade pomerana.

Palavras-chave: Pomerano; Canguçu; Língua pomerana.

Abstract: This article provides a historical overview of the Pomeranian language, demonstrating how this language, practically extinct in its region of origin, remains alive in Brazil, even after years of suppression and silencing of the Pomeranian people. The work focuses on the Pomeranian spoken in Canguçu-RS and, through interviews and research, draws some parallels with the Pomeranian spoken in Santa Maria de Jetibá-ES, where the Pomeranian language is more studied and documented. It also draws attention to the fact that Pomeranian is a language, not just a dialect of German, and how this mistaken classification has harmed and continues to harm the Pomeranian community.

Keywords: Pomeranian; Canguçu; Pomeranian language.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo geral contribuir com a discussão no debate acadêmico nacional sobre a língua pomerana em território brasileiro, oferecendo mais uma perspectiva para corroborar a afirmação de que o pomerano é uma língua, não um mero dialeto do alemão. Essa afirmação se faz importante porque o pomerano foi historicamente considerado um dialeto do alemão. Os pomeranos¹ eram, ao imigrarem para o Brasil, muitas vezes, considerados “alemães” (Hackenhaar, 2018; Krone, 2014; Thies, 2008), pois a Pomerânia fazia parte do que até a Segunda Guerra Mundial era território alemão. Um outro motivo para o pomerano ser considerado um dialeto é o fato de ter sido, até recentemente, uma língua sem escrita. Além disso, o povo pomerano sempre foi considerado pelos outros povos germânicos como uma cultura inferior por viverem predominantemente no meio rural, por terem sido dominados por diversas potências estrangeiras, como a Suécia, a Polônia e outros Estados que viriam a formar a Alemanha (Wachholz, 2008), por exercerem profissões pouco valorizadas socialmente e falarem uma língua ágrafa (Hartwig, 2011).

O pomerano era considerado por muitos, inclusive pelos próprios falantes, como “apenas um dialeto”, uma língua de “gente da roça” (Bahia, 2001, p. 74). É de fato uma língua bastante próxima do alemão, ambas pertencem à família germânica ocidental, mas são distintas. Falantes de cada língua não se compreendem entre si. Muitos imigrantes pomeranos e seus descendentes, por exemplo, não conseguiam entender o culto nas igrejas luteranas, que era ministrado em alemão. O pomerano faz parte da subfamília do baixo-alemão (ou baixo-saxão), enquanto o alemão faz parte da subfamília do alto-alemão. Além disso, sempre esteve em contato próximo com o alto-alemão, através da religião e da escola, e a isso se deve uma influência bastante forte do léxico alto-alemão sobre o léxico pomerano, ainda que em aspectos gramaticais o pomerano esteja mais próximo de outras línguas germânicas ocidentais, como o holandês, o frísio e o inglês.

O pomerano, hoje em dia, é uma língua com uma condição um tanto peculiar: está praticamente extinta na região onde se originou, mas mantém um grau considerável de vitalidade nos locais para onde foi transplantada, no dia a dia das comunidades de descendentes de pomeranos e com produção de conteúdo na Internet². Comparando com os outros povos germânicos que emigraram para o Brasil, os pomeranos, especialmente

¹ A vasta maioria dos dados históricos e linguísticos sobre a língua pomerana e os seus falantes, nos quais se baseia este artigo, foram retirados da obra do linguista Gertjan Postma (2019), *A Contrastive Grammar of Brazilian Pomeranian*. A não ser quando explicitamente indicada outra fonte, considere-se a obra citada como referência básica.

² Por exemplo, o canal “Pomeranos TV” no YouTube, disponível em: <https://www.youtube.com/c/PomeranosTv>.

os que foram para o Espírito Santo, são os que mais fortemente mantiveram o seu idioma. Este não é mais falado no seu território de origem desde a metade do século passado, com a derrota da Alemanha ao final da Segunda Guerra Mundial e a consequente incorporação daquele território pela Polônia, mas se mantém vivo em algumas comunidades no Brasil, principalmente no interior dos estados do Espírito Santo e do Rio Grande do Sul. Por esse motivo, usaremos o termo “pomerano” para nos referir ao pomerano brasileiro. Em muitas dessas comunidades, é ainda a língua materna da população e, até algumas décadas atrás, era a única língua falada pelas crianças antes de iniciarem o processo de escolarização. Praticamente todos os pomeranos se converteram ao luteranismo no século XVI e, até hoje, a cultura pomerana é fortemente vinculada à essa religião, que representa uma grande força de coesão social e cultural.

O pomerano sempre foi uma língua de tradição exclusivamente oral, ganhando um sistema de escrita apenas no começo do século XXI no Brasil pelo linguista Ismael Tressmann com a implementação do Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO) em 2005, meio século depois de ser uma língua considerada extinta no seu território de origem.

Além de ser uma língua desprovida de um sistema de escrita por quase toda a sua história, esteve praticamente ausente nos estudos dialetológicos, tanto na Europa quanto no Brasil, sobre o germânico ocidental, ramo linguístico do qual o pomerano faz parte. Mais recentemente, têm surgido estudos acadêmicos e um renovado interesse sobre esse idioma, principalmente nas comunidades de falantes no estado do Espírito Santo, mais precisamente no município de Santa Maria de Jetibá. Este artigo tem como foco o pomerano falado no Rio Grande do Sul e como objetivo específico demonstrar que, apesar do pouco contato atestado historicamente entre as comunidades de falantes desses dois estados, a situação linguística nos dois lugares é muito semelhante.

Os pomeranos no Brasil viviam, em muitas comunidades, uma situação linguística de triglossia: em casa, com a família, falavam o pomerano; na cidade, sobretudo em contato com as instituições do Estado, como a escola, falavam o português; e na igreja, utilizavam o alemão, ainda que muitas vezes não dominassem a língua e o contato linguístico fosse mais passivo, na assistência aos cultos e no canto dos hinários. Assim, o pomerano era a língua materna, familiar; o alemão, a língua litúrgica; e o português, a língua oficial. Essa situação de triglossia não é tão simples quanto parece, com cada língua sendo utilizada em espaços e contextos bem delimitados. O pomerano, embora fosse utilizado sobretudo em casa, com a família, na zona rural, poderia ser também empregado na cida-

de, quando os agricultores iam vender seus produtos na feira, como uma língua secreta entre eles para, por exemplo, alertarem uns aos outros sobre a possibilidade de um mau negócio (Bahia, 2001). O alemão, além de ser a língua utilizada na igreja, pois a maioria dos pastores eram formados na Alemanha e falavam o alto-alemão, também podia ser usada pelos pomeranos na comunicação com outros imigrantes germânicos, que falavam o alto-alemão ou o *hunsrückisch*, um dialeto alemão próximo ao alemão padrão, falado por muitos imigrantes alemães no Brasil.

Com o passar do tempo, o alemão foi deixado de ser utilizado na Igreja Luterana, sendo substituído pelo português nessa função, embora algumas igrejas ainda tenham horários para cultos em alemão; em outras igrejas, em comunidades pomeranas, com a revalorização do idioma, passou a haver cultos em pomerano também. Com a cooficialização do pomerano em alguns municípios brasileiros, o pomerano passou a ser usado, ainda que de forma limitada, em situações mais formais e oficiais, na relação dos cidadãos com os serviços públicos e com o ensino do idioma na escola. O alemão continua atualmente presente nesse sistema, principalmente, como língua estrangeira ensinada também em algumas escolas e, por ser uma das línguas mais importantes no mercado linguístico global, é também procurada por pomeranos e outros descendentes de imigrantes alemães. Essa situação de triglossia se manteve, portanto, com esses três componentes, o pomerano, o alemão e o português, mesmo que tenham modificado bastante e cada uma dessas línguas perdendo ou tomando novos espaços, mas com o português ainda em posição privilegiada nesse sistema.

Hoje em dia, a língua pomerana no Brasil se encontra mais bem preservada e documentada no estado do Espírito Santo, particularmente no município de Santa Maria de Jequitibá. Neste artigo, apresentamos duas entrevistas realizadas com falantes de pomerano do estado do Rio Grande do Sul, do município de Canguçu, e veremos que muito do que se descobriu e documentou sobre a língua pomerana no Espírito Santo vale também para a situação linguística no Rio Grande do Sul, numa comunidade que, aparentemente, teve pouco contato com as comunidades pomeranas do Espírito Santo.

Na próxima seção (2), faremos uma breve contextualização histórica do povo pomerano e da sua língua no período pré-imigração. Na seção 3, trataremos com mais detalhes da situação da língua pomerana no Brasil. Na seção 4, voltamos a nossa atenção para a situação linguística em Canguçu-RS, município onde o pomerano ainda é falado quotidianamente pela população e é língua cooficial. Na seção 5, apresentamos as semelhanças entre Canguçu-RS e Santa Maria de Jetibá-ES, município onde o pomerano se mantém

com mais força e sobre o qual trata a maioria dos estudos sobre o pomerano no Brasil. Na seção 6, fazemos uma comparação entre o pomerano e o alemão, demonstrando algumas diferenças importantes entre as duas línguas no que diz respeito à fonologia e à gramática.

2 O pomerano na Europa

A língua pomerana que os imigrantes trouxeram para o Brasil é uma língua da família do baixo-alemão falado na região histórica da Pomerânia Oriental (*Ostpommern* em alemão)³. Essa região se estendia sobre um território na costa do Mar Báltico delimitado de oeste a leste entre o Rio Óder e o Rio Vístula. Foi colonizada por povos germânicos a partir do Século XIII durante a chamada *Ostsiedlung*⁴ e, no período de imigração pomerana para o Brasil, localizava-se na província da Pomerânia, no Reino da Prússia. Esse território pertenceu à Alemanha até 1945, quando, com a derrota alemã ao final da Segunda Guerra Mundial, foi incorporado à Polônia, e os cidadãos alemães dali foram expulsos (Krone, 2014). A partir de então, o pomerano deixou de ser falado na região, contudo, hoje em dia, com apenas alguns falantes na atual Alemanha, a sua maioria no estado alemão da Eslésvico-Holsácia, situado no norte do país. Atualmente, a região de origem dos imigrantes pomeranos faz parte da província (*voivodia*) polonesa da Pomerânia Ocidental. Na Figura 1 a seguir, podemos localizar a área geográfica onde era falado o pomerano oriental (*Ostpommersch*) na Europa do início do século passado.

Figura 1: Mapa linguístico da costa do Mar Báltico no início do Século XX.



Fonte: Postma (2019, p. 1).

O pomerano oriental falado na Europa provavelmente nunca foi escrito. Na Idade Média, as pessoas letRADAS, quando escreviam, faziam-no nas variedades do pomerano

³ Essa região também é chamada em alemão *Hinterpommern*, cuja tradução literal seria “Transpomerânia”.

⁴ Movimento de migração germânica para o leste, entre os Séculos XII e XV.

ocidental das cidades de Greifswald, Stralsund e Stettin. Tempos depois, o baixo-alemão da cidade de Lübeck passou a ser usado na escrita ao lado do latim. A principal razão do pomerano oriental nunca ter sido uma língua escrita é porque era uma língua estritamente rural. Mesmo na região da Pomerânia Oriental, falava-se nas cidades uma língua próxima da variedade do baixo-alemão de Lübeck e essa situação de diglossia não estava correlacionada apenas à oposição cidade/campo, mas também à escolaridade do falante: mesmo no meio rural, os campões podiam mudar para o registro urbano, de acordo com o seu nível de erudição.

Devido a diversos fatores, como a perseguição religiosa e a situação econômica precária na Pomerânia, com o crescente desemprego no meio rural devido ao processo de industrialização que se iniciava na Europa (Dreher, 2008), os pomeranos emigraram para outros países, como os Estados Unidos e o Brasil. Nesse sentido, na próxima seção, trataremos da emigração pomerana para o Brasil.

3 O pomerano no Brasil

A imigração pomerana para o Brasil (Hackenhaar, 2018) ocorreu entre 1849 e 1887, sobretudo, a partir da área rural das bacias do Rio Persante e do Rio Rega, das planícies situadas entre o Mar Báltico, ao norte, e a primeira Moreia, ao sul, no território que, à época, pertencia à província prussiana da Pomerânia. Os principais destinos, no Brasil, foram a Região Sul (a partir de 1849, para o Rio Grande do Sul e, de 1850, para Santa Catarina) e o estado do Espírito Santo (a partir de 1857). A partir desses núcleos de colonização, os pomeranos espalharam-se para outros estados, como Minas Gerais (Beilke, 2013) e Rondônia, onde se fala ainda a língua pomerana. Em alguns lugares, os pomeranos foram assimilados cultural e linguisticamente por outras comunidades de imigrantes germânicos e, em outros, foram os pomeranos que assimilaram os imigrantes de outras origens, principalmente no Espírito Santo. Em Santa Catarina, praticamente todas as comunidades pomeranas deixaram de usar o seu idioma, substituindo-o pelo alemão com um substrato pomerano. No Espírito Santo, os pomeranos formaram e mantiveram comunidades bastante coesas, onde até hoje o pomerano é utilizado no dia a dia e assimilaram povos germânicos de outras colônias, como suíços, austríacos, holandeses e luxemburgueses. No Rio Grande do Sul, a língua pomerana também sobreviveu como língua utilizada no cotidiano das comunidades. Comparando com as comunidades do Espírito Santo, não há tantos estudos sobre o pomerano no Rio Grande do Sul, mas a situação da língua nos dois estados parece ser bastante semelhante, embora as diferentes situações de contato

linguístico em uma e noutra região acarretem diferenças no pomerano falado em cada localidade. Assim, o pomerano falado no Espírito Santo tem, comparativamente com os estados do Sul, menos influência de línguas indígenas e do português.

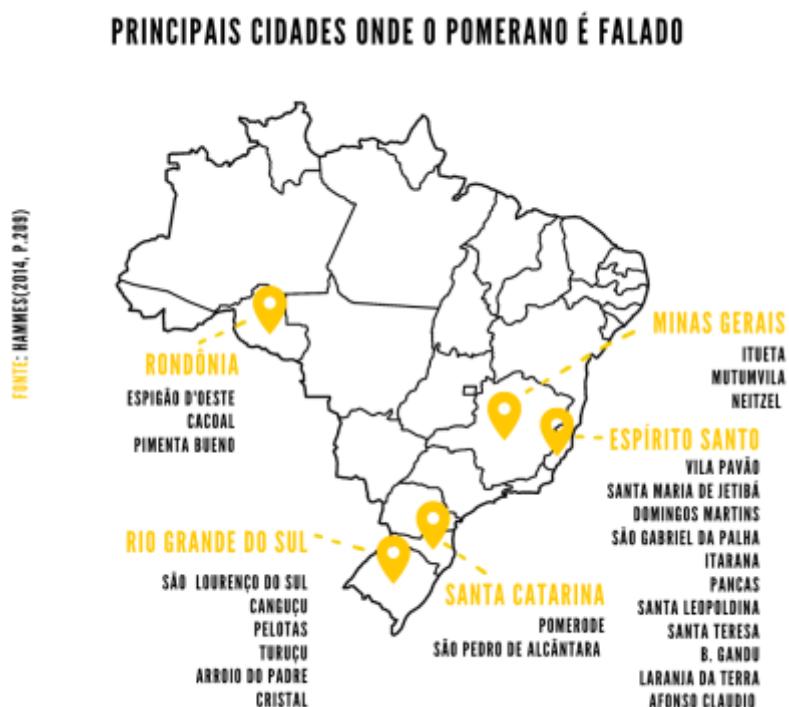
Dentre os fatores que impulsionaram a imigração pomerana para o Brasil, é possível que a perseguição religiosa na Europa tenha contribuído, embora, provavelmente, não tenha sido um fator tão importante quanto o foi na emigração pomerana para os EUA. Os pomeranos converteram-se praticamente todos ao luteranismo no século XVI, em grande parte devido ao trabalho de Johannes Bugenhagen, amigo de Martinho Lutero, que introduziu a Reforma Protestante no norte da Alemanha. Na época da imigração para o Brasil, os pomeranos eram luteranos independentes, isto é, luteranos que resistiram à união das igrejas protestantes sob o controle do rei Frederico Guilherme III da Prússia na primeira metade do século XIX.

A situação econômica na Europa pode ter sido também um fator que favoreceu a imigração pomerana para o Brasil. A Pomerânia Oriental, à época, era uma região que ainda vivia sob um regime latifundiário, que saíra havia pouquíssimo tempo do sistema feudal, e os pomeranos eram na sua maioria agricultores que trabalhavam para os grandes proprietários de terras (Krone, 2014). Um fator que certamente contribuiu para a migração desse povo para o território brasileiro foi a política imigratória do governo imperial brasileiro, a partir da independência do país em 1822, com os objetivos de substituir a mão de obra escrava e povoar o interior do território nacional, além do projeto de “branqueamento” da população brasileira (Hackenhaar, 2018). Outra causa que pode ter contribuído foi a reforma agrária na Prússia, da qual fazia parte da Pomerânia Oriental, em 1807, e a incipiente industrialização na Europa, inclusive no campo, causando desemprego e deixando trabalhadores rurais não qualificados para outras funções sem outras opções de subsistência.

Outro fator que provavelmente desempenhou um papel na imigração pomerana para o Brasil, e que não é tão comentado quanto o incentivo à imigração europeia por parte do governo imperial brasileiro, é a política imperialista da Prússia (e mais tarde do Império Alemão, a partir de Bismarck), que estimulou a emigração de súditos alemães para outras partes da Europa e para outros continentes. O objetivo dessa política expansionista era que os colonos alemães assentados em outros territórios mantivessem a sua identidade étnica e estabelecessem novos territórios alemães a partir da dominação cultural sobre as populações locais. Esperava-se que essas colônias alemãs no Brasil crescessem e se tornassem Estados independentes. As condições ideais para a realização

desse objetivo se dariam com a criação de colônias isoladas, socialmente coesas, com a sua própria igreja, imprensa e vida intelectual, mas essa política expansionista alemã não obteve os resultados esperados.

Figura 2: Mapa do Brasil com destaque para municípios onde é falado o pomerano.



Fonte: Hammes (2014, p. 209).

4 O Pomerano em Canguçu

Ao compararmos os estudos que temos sobre o pomerano no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul, vemos que ainda há poucos estudos focados especificamente nessa língua na região Sul (uma hipótese sobre essa escassez será apresentada na seção 5). Portanto, propusemo-nos fazer entrevistas com duas ex-moradoras de Canguçu-RS. As entrevistas foram realizadas pela coautora deste artigo. Ambas as entrevistadas têm como língua materna o pomerano e viveram inseridas na comunidade pomerana até sua juventude. Além disso, também levaremos em conta as vivências e observações feitas pela coautora, também natural do município de Canguçu/RS.

Até volta dos anos 1970, devido ao isolamento geográfico das comunidades pomeranas, as crianças só vinham a ter contato com a língua portuguesa quando atingiam a idade escolar. Ao chegarem à escola, esses alunos se viam em salas de aula onde cem

por cento do conteúdo era ministrado em português. Algumas professoras sequer sabiam falar o pomerano, e aquelas que sabiam não deveriam utilizar a língua em sala de aula. As entrevistadas relatam as dificuldades que tiveram no aprendizado do português, para elas uma segunda língua:

[...] [foi] a partir da escola que eu comecei a aprender, meio sob pressão, a falar o português, porque a professora falava comigo, e eu não entendia. Tipo, eu ficava olhando para ela e, ao mesmo tempo, eu ficava com medo, porque eu não sabia o que ela dizia, se ela estava conversando comigo, se ela estava me xingando, se ela estava me reprimindo [...]. (Entrevistada 1, 58 anos).

Eu tive muita dificuldade para aprender o português, como o meu idioma em casa era só o pomerano, e também, entre aspas, comecei a ser alfabetizada em pomerano [na questão da alfabetização, se refere ao alemão padrão]. [...] Eu aprendi a ler a numeração em alemão, depois a ordem alfabética. (Entrevistada 2, 56 anos).

Há pelo menos duas causas que podemos considerar com base nesses relatos para justificar a falta de inclusão de crianças pomeranas no espaço escolar. A primeira é a política linguística nacionalista, instaurada por Getúlio Vargas, em 1938, que proibia línguas estrangeiras em território brasileiro. A supressão de línguas de imigrantes começou com o Decreto-Lei nº 406, de maio de 1938, que decretava, no seu artigo 85, que as escolas fossem administradas por brasileiros natos e os materiais didáticos fossem exclusivamente em português. Outra causa é a desvalorização do pomerano que, por ser uma língua de tradição oral e que até então não tinha uma gramática estabelecida, não era considerada uma língua “culto”. De acordo com uma das entrevistadas, ela “[...] era visto como burro, porque só falava o pomerano. Quem não sabia o português, era burro. Era assim que era... na época, 50 anos atrás [...]” (Entrevistada 2, 56 anos).

Algo muito presente na cultura pomerana é sua religiosidade. A maior parte da comunidade é luterana. Através dos relatos das entrevistadas, podemos entender um pouco melhor a forma como funcionavam os cultos nas igrejas luteranas antes de passarem a ser ministrados em português. A Entrevistada 1 relata que, até seus 10 anos de idade, todos os cultos eram ministrados em alemão (alto-alemão) e depois foi variando entre o alemão e o português, mas alguns aspectos do ritual, como a confirmação e os hinários permaneciam apenas em alemão, ainda que grande parte dos devotos não entendesse o idioma:

[...] no meu tempo, era nas duas línguas, algumas coisas, e a gente tinha dificuldade, como era no alemão e no português, então, a dificuldade era

o alemão, mas a gente meio assim decorava o alemão, sem entender por completo. Não era muita coisa, eram poucas coisas, assim, que a gente precisava fazer. Por exemplo, eram alguns hinos que se cantavam e a gente acabava decorando com o próprio pastor. E algum mandamento também mais simples, assim, a gente tinha que falar em alemão mesmo, mas era isso. (Entrevistada 1, 58 anos).

Normalmente, apenas as primeiras gerações que vieram diretamente da Europa compreendiam o alemão: “*Era mais os antigos que sabiam, por exemplo, os pastores, os meus avós, os mais antigos sabiam, mas não era geral [...]*” (Entrevistada 1, 58 anos).

As entrevistadas também descrevem como o alemão padrão era mais valorizado que o pomerano. Associava-se a língua pomerana aos agricultores mais pobres, que viviam do que cultivavam, numa agricultura de subsistência e não tinham tanto contato com o comércio. Além disso, a língua pomerana era considerada menos “útil”, já que não havia escrita da língua. Já o alemão padrão era associado àqueles com maior poder aquisitivo, ainda agricultores, porém, que tinham contato direto com o comércio e possuíam implementos agrícolas mais modernos e se associava o alemão aos clérigos, que tinham grande relevância para a comunidade (Krone, 2014).

O pomerano normalmente era o mais pobre. [...] era mais agricultor, era mais explorado, trabalhava mais na roça. Agora, [os que falavam] “hochdeutsch”, eles já tinham mais comércio, então eles já falavam o alemão mesmo, não o plattdeutsch, que eles dizem. Falavam o hochdeutsch. Então, assim, já eram pessoas que tinham mais poder aquisitivo. Normalmente, tinham comércio, tinham caminhões, coisas assim. Já na época, na minha época, antigamente, quando não tinha esse negócio de transporte de caminhão, era tração animal, então eles também já tinham esse comércio, tinham mais comércio, não trabalhavam na roça, não era serviço braçal. [O] pomerano era mais serviço braçal, era o mais explorado. (Entrevistada 2, 56 anos).

Ainda a respeito da percepção comum que as pessoas costumavam ter das línguas, o português era claramente mais valorizado por ser a língua nacional, as pessoas que dominavam bem a fala e a ortografia da língua teriam a oportunidade de ascender socialmente e buscar maior grau de escolaridade.

Atualmente, há poucos casos de membros da comunidade pomerana que não sabem falar o português. As raras exceções costumam ser idosos (como a bisavó da coautora deste artigo, falecida há alguns anos). Em contraponto a isso, cada vez mais famílias optam por não ensinar o pomerano para as crianças, especialmente pelo receio de que o

bilinguismo atrapalhe os estudos, problema esse que afligiu as gerações anteriores. Apesar de o pomerano ser língua cooficial em Canguçu, RS, através da Lei Municipal nº 3.473, de 2010, não há políticas que garantam o ensino da língua nas escolas (apesar de haver alguns projetos pontuais em poucas escolas) (Canguçu, 2010). Portanto, as novas gerações têm cada vez menos oportunidades de entrar em contato com sua língua ancestral.

Apesar da redução de falantes da língua pomerana, a tradição oral ainda se mantém viva no município de Canguçu, RS. Ao andar pelo centro da cidade, observamos vários estabelecimentos que levam o nome de alguma família pomerana e tanto os clientes quanto os atendentes se comunicam em pomerano e português. Por isso, diversas vagas de emprego ofertadas têm como requisito a fluência nos dois idiomas.

Figura 3: Fotografia de consultório odontológico situado no centro de Canguçu, que oferece atendimento em pomerano.



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

5 Divergências e convergências entre Santa Maria de Jetibá e Canguçu

Uma das divergências entre o pomerano no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul foi a forma como a comunidade pomerana se relacionou com os demais povos imigrantes. Tressmann (2005) afirma que, no Espírito Santo, os demais imigrantes (alemães, holandeses, suíços) que chegaram juntamente com os pomeranos ao Brasil estavam em menor número e, por isso, acabaram assimilando o uso da língua pomerana, assim facilitando a integração social.

tando a manutenção da língua no estado. Já no Rio Grande do Sul, o pesquisador Carmo Thum (2008) declara que os pomeranos do estado sofreram um processo de germanização. Nas igrejas de algumas localidades, só eram considerados válidos pastores formados na Alemanha, enquanto pastores pomeranos eram chamados de “pseudopastores” ou “pastores-colonos”, já que costumavam não ter formação. Diferentemente dos alemães, seguiam seus ritos, considerados pagões pelas autoridades religiosas luteranas, os quais eram passados de geração em geração de forma oral. A população pomerana também sofria um isolamento geográfico, pois quem dialogava com o “mundo externo” à comunidade de imigrantes eram os alemães.

Segundo o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), em 2007, o pomerano foi a primeira língua de imigração a ser cooficializada no Brasil, ou seja, ao lado do português, o pomerano é língua cooficial em alguns municípios brasileiros. Isso significa que, nesses municípios, o pomerano pode ser utilizado de forma oficial em setores públicos e privados. Por exemplo, a população tem o direito de ser atendida em pomerano nos órgãos da administração municipal. Ainda assim, o pomerano não está no mesmo nível de oficialização como o português. Documentos oficiais sempre devem ser emitidos na língua oficial do país.

Santa Maria de Jetibá/ES (2009) conquistou o direito de ter o pomerano como língua cooficial em 2009, o mesmo veio a acontecer em Canguçu/RN um ano depois. A escolha de comparar Canguçu a Santa Maria de Jetibá se justifica porque a cidade do Espírito Santo é referência nos estudos da língua pomerana e existem poucos estudos que foquem diretamente na língua pomerana falada em Canguçu. A maior parte dos trabalhos apresenta panoramas históricos e sociológicos sobre a comunidade pomerana da região sem grande ênfase para a língua.

Foi em Santa Maria de Jetibá que foi elaborado por Ismael Tressmann (2005) um dos maiores equipamentos linguísticos⁵ para a língua, o *Dicionário Encyclopédico Pomerano-Português* (2006). A criação de uma ortografia para o pomerano, que antes era uma língua ágrafa, permite que se elaborem materiais didáticos em pomerano para o ensino em escolas e, a partir disso, abre-se um leque de possibilidades para o uso da língua em diversos locais.

A respeito do âmbito educacional, a Lei Municipal nº 1176, de 17 de novembro de 2011, cria o Centro de Educação Pomerana em Santa Maria de Jetibá, órgão que se responsabiliza pelo Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO). A Lei determina

⁵ Termo utilizado para designar o suporte oferecido a uma língua para que esta desempenhe determinada função.

o ensino obrigatório da língua pomerana em escolas de ensino infantil e fundamental do município. Em Canguçu/RS, o ensino do pomerano nas escolas municipais é facultativo e ainda há poucas escolas com projetos para o ensino da língua. A falta de uma política pública que incentive o ensino do pomerano nas escolas pode influenciar negativamente o uso da forma escrita da língua em outros âmbitos, prejudicando a manutenção da língua na cidade.

6 Diferenças linguísticas entre pomerano e alemão

Um ponto no qual o pomerano se distancia do alemão e se aproxima das línguas germânicas do Mar do Norte é a perda da consoante nasal alveolar (/n/) e, em menor grau, da aproximante lateral sonora (/l/), antes de consoantes fricativas (/f, θ, s, ʃ/), que o alemão manteve nesse contexto fonológico. Nesse aspecto, o pomerano assemelha-se mais ao inglês do que ao frísio, que é a língua viva mais próxima ao inglês.

Tabela 1: Comparação entre pomerano, inglês, frísio, holandês e alemão na apócope de /n/ antes de fricativas.

Pomerano	Inglês	Frísio	Holandês	Alemão	Português
süsta	–	–	zus	sonst	de outra forma
meisch	–	minske	mens	Mensch	pessoa
ous	us	ús	ons	uns	nos
guis	goose	goes	gans	Ganse	ganso
fiiw	five	fiif	vijf	fünf	cinco
seis	scythe	seine	zeis	Sense	foice
anert	other	oar	ander	ander	outro
as	as	as	als	als	como (conj.)

Fonte: Adaptado de Postma (2019, p. 2).

Outro aspecto fonológico que distancia o pomerano ainda mais do alemão e das outras línguas da família do baixo-alemão, aproximando-o do frísio e do inglês, é a perda de /n/ no pronome *ous* (1ª p. pl. OD/OI, “nos”, cp. com alemão “uns”) e em outras formas do sistema pronominal. A mesma perda de /n/ se observa em verbos monossílabos no infinitivo, como *daua* “fazer” (cp. com inglês “do”), *gåa* (cp. com inglês “go” e alemão “gehen”) e *saia* “ver” (cp. com inglês “see” e alemão “sehen”).

No âmbito gramatical, uma característica que aproxima o pomerano do frísio e do inglês e o distancia do alemão é a ausência da declinação forte dos adjetivos em função atributiva, como ocorre em alemão. Por exemplo, o adjetivo *lieb* em alemão permanece

nessa forma em função predicativa: “*Mein Kind ist lieb*” (Meu filho é querido). Em função atributiva, o adjetivo ganha um morfema flexional: “*Mein liebes Kind*” (Meu querido filho). Em pomerano, o adjetivo tem a mesma forma em função predicativa ou atributiva: “*Mij laiw kind*” (cp. com baixo-alemão “*min laiws kind*”).

7 Conclusão

O pomerano esteve sempre em contato íntimo com o alto-alemão, tanto na Europa quanto no Brasil, sempre vivendo sob a sombra de outras línguas nacionais tanto no seu território de origem (com o alto-alemão/alemão literário) como no seu novo território (com o português e com o alto-alemão). Apesar de ser frequentemente identificada com a língua alemã ou como um dialeto da língua alemã, a língua pomerana pertence a um ramo diferente do alto-alemão. Tanto uma quanto outra são línguas germânicas ocidentais, mas o pomerano faz parte da subfamília do baixo-alemão, enquanto o alemão faz parte do alto-alemão.

As diferenças entre o alemão e o pomerano são muito grandes (maiores do que entre o alemão e outros dialetos falados no Brasil, como o *hunsrückisch*), a ponto de haver pouca inteligibilidade mútua entre falantes dessas duas línguas. No entanto, como parte da antiga região da Pomerânia é hoje parte da Alemanha e os descendentes de pomeranos no Brasil são considerados genericamente como alemães (e a língua pomerana é, muitas vezes, chamada de “alemão”), criou-se e mantém-se uma falsa crença de que o pomerano é uma variante do alemão ou mesmo que pomerano é praticamente um sinônimo de alemão. Soma-se a isso a posição de subalternidade, linguística, cultural e econômica, que o povo pomerano vivenciou por muito tempo, tanto na Europa, no período pré-imigratório, em relação à dominação pela Prússia e mais tarde pela Alemanha; quanto no Brasil, no período pós-imigratório, em relação aos outros imigrantes alemães.

[A] voz dos pomeranos não foi pronunciada e, nos casos em que aconteceu, não foi ouvida, porque era silenciada pelas estruturas locais de poder, que na maioria das vezes estavam nas mãos de imigrantes alemães. Os detentores dos espaços de comunicação com o mundo externo eram os donos das “vendas”. Eles eram os que dialogavam com o mundo externo à comunidade, eles falavam uma “língua” considerada “língua fina”, e os pomeranos falavam um dialeto. Isto está sendo questionado hoje! Quem afirma ser a língua pomerana um dialeto? A cultura hegemônica alemã. O Pomerano é a língua de grande parte dos imigrantes, que são camponeses, lavradores rurais. Essa disputa de valor cultural vem de longo prazo e é visível em muitos grupos. A cultura do silêncio para Paulo Freire é justamente essa situação: “impossibilidade de homens e mulheres

dizerem sua palavra, de atuarem como agentes políticos, sem condições de interferirem na realidade, geralmente uma situação opressora e desvinculada da sua própria cultura. (Thum, 2008, p. 17).

Demonstrar que o pomerano não é simplesmente um dialeto da mesma família (ou uma variedade) do alemão padrão, mas uma língua bastante diferente, aparentada ao alemão, mas provavelmente mais próxima de outras línguas germânicas como o inglês, o fríssio e o holandês, pode ajudar a fortalecer a posição do pomerano como língua autônoma no ensino escolar nos municípios onde há comunidades que ainda falam essa língua. Ao afirmarmos a distinção entre o pomerano e o alemão, estamos fortalecendo a comunidade pomerana, que teve sua identidade linguística e cultural silenciada na Europa, ao chegarem ao Brasil e ainda atualmente.

Referências

BEILKE, N. S. V. Pomerano: uma variedade germânica em Minas Gerais. In SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2013. *Anais* [...]. Uberlândia: UFU, 2013.

CANGUÇU. Lei nº 3.473, de 30 de julho de 2010. Dispõe sobre a co-oficialização da língua pomerana no município de Canguçu/RN e a inclusão da disciplina de estudo da língua no currículo escolar nas escolas da rede municipal de ensino e dá outras providências. *Diário Oficial do Município*, Canguçu, 31 jul. 2010. Disponível em: <https://cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7338&cdDiploma=201034731&NroLei=3.473&Word=&Word2=>. Acesso em: 15 fev. 2024.

DREHER, M. Uma cultura ameaçada. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, RS, n. 271, p. 20-22, 1 set. 2008.

HACKENHAAR, D. *Vida e trajetória do povo pomerano: a imigração pomerana para o Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) —Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018.

HARTUWIG, A. V. G. *Professores(as) Pomeranos(as): Um estudo de caso sobre o Programa de Educação Escolar Pomerana – Proepo – desenvolvido em Santa Maria de Jetibá/ES*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

HAMMES, E. L. *A imigração alemã para São Lourenço do Sul: da formação da sua Colônia aos primeiros anos após seu Sesquicentenário*. São Leopoldo: Studio Zeus, 2014

IPOL. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. *Lista de línguas cooficiais em municípios brasileiros*. Florianópolis, SC: IPOL, 2023. Disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municípios-brasileiros/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

JANUTH, E. *A língua e a cultura pomerana: um estudo de caso em uma escola municipal de Domingos Martins/ES*. Trabalho de Conclusão Final (Especialização em Práticas Pedagógicas) – Instituto Federal do Espírito Santo, Santa Maria de Jetibá, ES, 2022.

KRONE, E. E. *Comida, memória e patrimônio cultural: a construção da pomeraneidade no extremo sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, RS, 2014.

POSTMA, G. *A Contrastive Grammar of Brazilian Pomeranian*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2019.

SANTA MARIA DE JETIBÁ. Lei nº 1.136, de 26 de junho de 2009. Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Santa Maria de Jetibá, estado do Espírito Santo. *Diário Oficial do Município*, Santa Maria de Jetibá, 27 jun. 2009.

SANTA MARIA DE JETIBÁ. Lei nº 1.398, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a criação do centro de educação pomerana no município de co-oficialização da língua pomerana no município de Santa Maria de Jetibá. *Diário Oficial do Município*, Santa Maria de Jetibá, 17 nov. 2011. Disponível em: www.legislacaocompilada.com.br/santamaria/Arquivo/Documents/legislacao/html/L13982011.html. Acesso em: 14 fev. 2024.

THIES, V. G. Uma cultura ameaçada. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, RS, n. 271, p. 29-30, 1 set. 2008.

THUM, Carmo. Silenciados pela hegemonia alemã. Entrevista concedida a Patricia Fachin. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, v. 1, n. 271, p. 16-18, set. 2008.

TRESSMANN, I. *Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo*. 2005. 335f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

WACHHOLZ, W. Uma cultura ameaçada. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 271, p. 13-166, 1 set. 2008.

